

## O pós-colonialismo na obra de Mia Couto, *A confissão da leoa*

### Post-colonialism the work of Mia Couto, *A confissão da leoa*

Egly Stérfane Da Silva Borges<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo abordar as consequências do pós-colonialismo na vida das mulheres moçambicanas a partir da leitura da obra *A confissão da leoa*, de Mia Couto. Investigaremos os traços da colonialidade que estão presentes na vida da protagonista do romance (Mariamar), e como estas práticas estão dispostas na cultura, na religião e nas tradições. Desse modo, através das perspectivas dos estudos feministas e dos estudos pós-coloniais, busca-se examinar como são reproduzidas as invisibilidades e subalternidades da mulher moçambicana; assim como, de que maneira o contexto da obra, que retrata um período pós-colonial seguido de uma guerra civil logo após a independência do país, contribui no modo de se pensar a mulher de Moçambique, que continua sofrendo com um sistema violento legitimado pelas tradições, podendo ser relacionado com as práticas do colonizador português. Ainda refletiremos de que maneira a literatura pode contribuir para a discussão destas questões que, ainda, permeiam os dias atuais segregando os povos.

**Palavras-chave:** Moçambique; Feminismo; Patriarcalismo; Pós-colonial

**Abstract:** This article aims to address the consequences of colonialism in Mozambican women's life based on the reading of the novel "*A confissão da leoa*" by Mia Couto. The traits of the coloniality present in the lives of female characters will be investigated, mainly from the protagonist of the novel, Mariamar, and observed how these traits are arranged in the culture, religion, and traditions. Therefore, through the point of view of feminist studies and postcolonial studies, the way in which Mozambican women were ignored and subjugated to a subordinate role, will be examined and how the context of the novel in a postcolonial period followed by a civil war after the independence of the country, this contributes to the way of thinking about the Mozambican woman, who still suffering in a violent system legitimized by the traditions, moreover, these can be related to the practices of the Portuguese colonialist. Will be reflected yet about how can the literature contribute to improving discussions about the questions which still nowadays segregating people.

**Keywords:** Mozambique; Feminism; Patriarchy; Postcolonial

**Submetido em 24 de janeiro de 2021.**

**Aprovado em 05 de julho de 2021.**

### Introdução

Para compreender os estudos pós-coloniais é preciso questionar as diversas consequências das colonizações existentes. Há um conjunto de sistemas que foi construído a partir da perspectiva dos colonizadores, apresentando-se ao mundo como

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela UFT. Mestranda em Letras pela UFT. Email: egly@mail.uft.edu.br

uma verdade absoluta, sem considerar as realidades e as percepções dos povos colonizados.

Esse sistema de dominação manipulou a política, a cultura, a economia e todos os outros aspectos sociais dos territórios dominados, desconsiderando todos estes elementos já existentes nas comunidades invadidas, de forma que impôs uma nova maneira de pensar e de explicar as realidades da vida social desses países.

A invasão da Europa, na América Latina, entre os séculos XVI a XVIII, e da França, Inglaterra e Estados Unidos, no Oriente Médio, no final do século XIX e início do século XX, gerou uma colonialidade, ou seja, com o fim da colonização física, acreditou-se que as formas de dominações existentes também haviam finalizado. No entanto, a estrutura desses territórios foi formada a partir da ótica do dominador, conforme expõe Said:

A minha alegação é que, sem examinar o orientalismo como um discurso, não se pode entender a disciplina enormemente sistemática por meio da qual a cultura europeia, conseguiu administrar –e até produzir– o Oriente política, sociológica, científica e imaginativamente durante o período pós- Iluminismo. (SAID, 1990, p. 15)

Com o avanço dos estudos pós-coloniais, expandiu-se o debate sobre as exclusões silenciadas e marginalizadas daquilo que estava fora da cultura do colonizador. A literatura contribui significativamente com a desconstrução do pensamento colonialista, pois, através de algumas obras, acontece um movimento de ruptura com os fundamentos sociais e culturais difundidos através da perspectiva de um poder dominante.

Nas obras literárias pós-colonialistas, os autores apresentam realidades a partir do ponto de vista do sujeito que experiencia o processo de colonização, evidenciando as consequências com tais relações, de forma que sejam questionados assuntos envolvendo gênero, raça, desigualdade social e relações de poder, como relatado abaixo:

As minhas próprias experiências nessas questões são parte do que me fez escrever este livro. A vida de um árabe palestino no Ocidente, especialmente nos Estados Unidos, é desanimadora. Existe aqui um consenso quase unânime de que politicamente ele não existe e, quando é admitido que ele existe, é como um incômodo ou como um oriental. A teia do racismo, dos estereótipos culturais, do imperialismo político e da ideologia desumanizante que contém o árabe ou o muçulmano é realmente muito forte, e é esta teia que cada palestino veio a sentir como seu destino singularmente punitivo. (SAID, 1990, p. 38)

Há uma intrínseca relação entre os discursos feministas e os estudos pós-colonialistas, pois ambos buscam integrar a mulher na sociedade, uma vez que a história sempre marginalizou e excluiu o gênero feminino de seus exercícios.

As práticas patriarcais das metrópoles se constituem em uma colonialidade que persiste nas ex-colônias mesmo que o colonialismo tenha sido dado como acabado. Nessa perspectiva, em *A confissão da leoa* (2012), Mia Couto apresenta diferentes atos sociais e culturais que contribuem para a subalternidade e a reprodução da maneira colonial de ver a mulher moçambicana silenciada por uma sequência de violência que, mesmo após a independência de Moçambique, continua acontecendo através da cultura e da religiosidade. Podemos notar nitidamente esse silenciamento na figura da protagonista do romance: Mariamar.

A obra de Mia Couto, *A confissão da leoa* (2012), é um relato de acontecimentos que abordam a história, a cultura e a política manifestados através de uma experiência real do autor que incorpora na protagonista os sofrimentos e a exploração em que vivem as mulheres de Moçambique. Nesse sentido, a narrativa possibilita discutir a subalternidade e a violência contra a mulher legitimada através de um sistema reproduzido pela cultura.

### **1. A subalternidade da mulher na obra de Mia Couto**

Mia Couto é considerado um dos maiores escritores da literatura africana, o autor moçambicano imprime em suas obras a história e os conflitos do seu povo, motivo para ser considerado um pós-colonialista, segundo Borges:

Além da história da colonização, Mia Couto tem interesse em revelar em suas obras as condições reais do seu povo nos dias atuais, bem como denunciar e criticar questões sociais desumanas impostas ao seu povo. O autor faz uso de vários elementos socioculturais de Moçambique em suas obras, oferecendo aos leitores o conhecimento da verdadeira cultura africana. (BORGES, 2018, p. 17)

As literaturas pós-coloniais, de acordo Thomas Bonnici (1998, p. 11), surgem a partir de dois aspectos: o primeiro é a busca por uma retomada de consciência nacional, ou seja, auxiliar os sujeitos colonizados a fim de que percebam os esquemas de dominações em que estão envolvidos. O outro aspecto é a afirmação de uma literatura autônoma, diferente das literaturas dos centros imperiais.

É considerada literatura pós-colonial toda obra literária produzida pelos povos colonizados. No entanto, é necessário atentar-se para as novas formas de colonização, pois algumas práticas sociais são reproduzidas através da cultura, do discurso e da religiosidade, agindo, assim, como o novo colonizador:

Não raro, as novas classes dominantes nas ex-colônias repetem nas nações recém-criadas um modelo europeu de relações de poder baseado na violência e na opressão de uns grupos sobre outros. Além disso, situações de dependência política e econômica das ex-colônias em relação às antigas metrópoles são recorrentemente estabelecidas. (BRAGA, 2019, p. 42)

Vários elementos da cultura moçambicana foram oriundos da Europa sob uma ótica natural, porém, constituída de modo arbitrário, por se tratar de um dos países africanos colonizado por Portugal, cuja história se baseia na imposição de uma cultura, na extração de seus recursos naturais, bem como na exploração de sua população.

Assim, a experiência colonial fez com que o país imprimisse em seus costumes tradições e, até mesmo na religião, valores transportados de seu colonizador:

Sabe-se que Moçambique é um país de independência recente, marcado por violentos conflitos entre os povos colonizador e colonizado e, por isso, ao analisar a presença de Deus na obra de Mia Couto não se pode deixar de atentar para o fato de que os deuses cultuados pelos povos que viviam as margens do Índico foram violentamente confrontados, ao longo da história do país, com um Deus “transportado” nas embarcações portuguesas que aportaram em terras moçambicanas. A violência com que o processo de dominação colonial tentou impor as crenças dos povos lusitanos aos habitantes das terras colonizadas forjou um complexo processo de intercessão entre as visões de mundo dos portugueses e dos moçambicanos [...] (SILVA, 2016, p. 223)

A maneira adotada pelos moçambicanos de ver o mundo é, na verdade, uma construção de séculos. Nos centros urbanos, essa identificação com a cultura portuguesa e ocidental é dada de forma quase natural, pois o poder se mantém com as elites que desfruta dessa concepção de cultura para conservar e reproduzir seus modos de dominação.

O romance *A confissão da leoa* (2012), de Mia Couto, foi baseado em fatos reais vivenciados pelo autor e ocorre em Kulumani, uma aldeia na zona rural de Moçambique, onde estão acontecendo ataques de leões que devoram mulheres e, para solucionar o problema, o administrador da aldeia contrata um caçador.

A história é alternada entre os escritos das experiências de Arcanjo Baleiro, o caçador, e as de Mariamar, uma moça nativa da região que traz em seus registros

questões sociais, revelando que os ataques dos leões às mulheres é, na verdade, o resultado das violências legitimadas por um sistema.

As leis em Kulumani estão divididas entre o Estado e a tradição. A presença do administrador faz com que a vila rural seja um espaço de dominação urbana, por isso há resistência dos anciãos da aldeia que lutam para conservar a tradição, também como uma forma de manter o poder. No entanto, ao referir-se à tradição cultural é incerto afirmar o que seja exclusivo de Moçambique, uma vez que o romance revela aspectos da colonização e da guerra civil, fatos históricos que alteraram toda a estrutura de identidade do país.

A personagem Mariamar representa a situação das mulheres moçambicanas que são silenciadas por um sistema patriarcalista, uma vez que lhes são impostas a obediência inquestionável ao homem da família. Percebe-se que as desigualdades entre homens e mulheres foram construídas a partir de uma herança da colonização, como Mariamar expõe:

Eu e a mãe sentámos-nos no chão como se fosse o ultimo lugar no mundo. Toquei o seu ombro num esboçado gesto de conforto. Ela desviou-se. Num instante, estava refeita a ordem do universo: nós, mulheres, no chão; o nosso pai passeando-se entre dentro e fora da cozinha, a exhibir posse da casa inteira. De novo nos regíamos por essas leis que nem Deus ensina nem o Homem explica. (COUTO, 2012, p. 26)

Durante a narrativa, Mariamar é vítima de várias violências, inclusive a doméstica. Seu pai, Genito Mpepe, abusava sexualmente dela e da irmã com um consentimento cultural, uma vez que todas as pessoas da aldeia de Kulumani fingiam desconhecimento das práticas violentas:

[...] durante anos, meu pai, Genito Mpepe, abusou das filhas. Primeiro aconteceu com Silência. Minha irmã sofreu calada, sem partilhar esse terrível segredo. Assim que me despontaram os seios, fui eu a vítima. [...] Hanifa Assulua, minha mãe, sempre fez de conta que nada sabia. Que era invenção dos vizinhos, delírio de quem queria esconder as suas próprias mazelas. (COUTO, 2012, p. 187)

Mariamar, na obra de Mia Couto, não é a única mulher a sofrer com a violência que materializa o corpo feminino como propriedade patriarcal. Sua mãe, Hanifa Assulua, sofre com os costumes e tradições culturais, pois foi ensinada a sempre obedecer, de modo que isso retira dela o direito de ser mãe. A negligência em relação às violências que seu marido pratica contra as filhas é um modo de fuga, uma vez que

compreende sua situação de subalternidade, mas não encontra uma saída para a punição do agressor. Vejamos:

Confesso agora o que devia ter anunciado logo de início: eu nunca nasci. Ou melhor: nasci morta. Ainda hoje a minha mãe aguarda pelo meu choro natal. Só as mulheres sabem quanto se morre e nasce no momento do parto. Porque não são dois corpos que se separam: é o dilacerar de um único corpo, de um corpo que queria guardar duas vidas. Não é a dor física que, naquele momento, mais aflige a mulher. É uma outra dor. É uma parte de si que se desprende, o rasgar de uma estrada que, aos poucos, nos devora os filhos, um por um. (COUTO, 2012, p. 233)

Neste contexto, há também a personagem Tandi, funcionária do administrador da aldeia e de sua esposa, que ao entrar num território sagrado (permitido somente aos homens), foi punida com a violação de seu corpo por todos os homens presentes e, não bastante, também lhe foi negada à assistência à saúde, pois os enfermeiros do posto local tiveram medo das retaliações dos chefes tradicionalistas da aldeia, certificando para a sociedade de Moçambique a legalidade ao corpo feminino:

O lugar é sagrado e expressadamente proibido a uma mulher cruzar aquele território. Tandi desobedeceu e foi punida: todos os homens abusaram dela. Todos se serviram dela. A moça foi conduzida ao posto de saúde local, mas o enfermeiro não aceitou tratar dela. Tinha medo de retaliação. As autoridades distritais receberam queixa, nada fizeram. (COUTO, 2012, p. 148)

As mulheres de Moçambique sofreram muito com a colonização portuguesa, pois além das situações de exploração do território nacional, intensificou os abusos sexuais naturalizados pela tradição e religiosidade que se configuram como uma forma de poder, abrangendo, de modo mais intenso, as classes desfavorecidas; ou seja, as mulheres rurais.

Conseguimos desnaturalizar essa situação de violência e subalternidade a partir dos estudos feministas que, dentro das literaturas pós-coloniais, ajudam a denunciar esse sistema de colonização que ainda existente.

## **2. A literatura pós-colonial e o discurso feminista**

No desfecho do romance, *A confissão da leoa* (2012), a mãe de Mariamar faz um pedido ao caçador estrangeiro para levar a filha embora de Kulumani, a fim de dar-lhe o direito à existência. Mariamar e Arcanjo Baleiro já haviam se conhecido há cerca de dezesseis anos, quando o caçador esteve na aldeia para matar uma outra fera e, na ocasião, livra a menina de ser abusada sexualmente pelo policial Maliqueto:

Arcanjo Baleiro aconteceu-me há dezasseis anos. Eu tinha igualmente dezasseis anos quando ele se cruzou comigo. Não passava de uma menina, mas os meus sonhos tinham envelhecido, mais do que o meu corpo. O único fito que me restava era ficar longe de Kulumani. [...] (COUTO, 2012, p. 50)

Ao caçador é reservado o amor de Mariamar a partir do momento em que a salva, pois a menina vê em Arcanjo a esperança de livrar-se de Kulumani:

O polícia enfrentou o intruso, medindo-o dos pés à cabeça. Após um ponderado silêncio, decidiu retirar-se. Não sei se o caçador entendeu a oportunidade da sua aparição, mas ele sorria quando me interpelou:

— Posso levar uma galinha?

Era a mim que eu queria que ele levasse. (COUTO, 2012, p. 51)

A protagonista do romance, durante toda a narrativa, descreve as restrições e opressões que as mulheres moçambicanas vivem, evidenciando um sistema que reproduz a desigualdade entre mulheres e homens. No entanto, o diário de Mariamar revela que nem todas as mulheres são submetidas da mesma forma às diversas violências impostas.

Dentre as personagens femininas do romance está Naftalinda, mulher do administrador da vila de Kulumani. Ela e Mariamar se conheceram na Missão Católica, nos tempos da guerra civil. Diferentemente de Mariamar, a esposa do administrador possui uma condição social privilegiada e, consciente das diversas violências que as mulheres sofrem na aldeia, assim como testemunha da negligência das autoridades referente ao abuso que sua funcionária sofreu, ela desafia a tradição e consegue ir contra a cultura.

Durante uma cerimônia, Naftalinda invade o lugar proibido para mulheres, da mesma forma que fez Tandi, sua funcionária. No entanto, nada lhe ocorre, pois a tradição também é seletiva:

A intervenção alarma todos os presentes. Surpresos os homens encaram a intrusa. É Naftalinda, a esposa do administrador. E ela está desafiando as mais antigas das interdições: mulheres não entram na shitala. E muito menos estão autorizadas a emitir opinião sobre assuntos desta gravidade. (COUTO, 2012, p.114)

Nesse sentido, é preciso pensar nas diferentes situações que há nos espaços que cada uma das personagens ocupa, considerando principalmente a posição social de cada uma delas. Mariamar, no decorrer do romance, demonstra tomar consciência dos perigos em que está submetida em Kulumani, porém, não consegue vislumbrar uma

saída, pois além dos problemas relacionado ao gênero, também há com suas condições de questões sociais.

As diferenças sociais e a experiência do lugar que cada mulher ocupa, implicam na necessidade de uma reflexão sobre o pensamento de universalidade feminina, que as compreendem todas numa mesma condição. As desigualdades de classe geram situações em que alguns direitos voltados para as mulheres não se aplicarão a todas, uma vez que tais diferenças entre as mulheres provocam a ineficácia desses mesmos direitos:

O reconhecimento da maior vulnerabilidade social das mulheres é também o reconhecimento de que sistemas de subordinações se cruzam, como os de classe, de raça e de gênero, o que me leva a insistir que políticas de ações afirmativas se fazem necessárias mais no sentido de minimizar discriminações por conta de identidades político-culturais, como o ser mulher, ser negra, ser jovem ou ser mais velha (...) (CASTRO, 2001, p.90)

Quando entendemos que essas discriminações são estruturais, ou seja, que há grupos com mais privilégios que outros, é possível discutir dentro dos discursos pós-colonialista o lugar de fala de cada sujeito, garantindo o espaço para que grupos que nunca tiveram oportunidade de falar, possam ter seus discursos legitimados:

[...] aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajudou a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? [...] (RIBEIRO, 2019, p. 19)

A partir desses questionamentos surge a necessidade de transformar o discurso feminista universal, para que mulheres com privilégios não reproduzam opressões contra mulheres de grupos desprivilegiados.

A obra de Mia Couto, além de apresentar os problemas de gênero na sociedade, também aponta para os de classe social. Os trabalhos domésticos ou de sustento da família são vistos, de modo geral, como responsabilidade da mulher: cuidar dos afazeres de casa, dos filhos, bem como tudo que necessita cada integrante familiar.

A protagonista Mariamar e a esposa do administrador, Naftalinda, partem de pontos diferentes no romance, uma caracteriza o grupo que serve: “Nós, mulheres, permanecemos na penumbra. Lavamos, varremos, cozinhamos, mas nenhuma de nós sentará à mesa.” (COUTO, 2012, p. 82), a outra do grupo que é servido: “Hoje a minha mãe informou-me que serve como empregada na **casa do administrador** [...]” (COUTO, 2012, p. 119, grifo nosso)



Os trabalhos domésticos, como obrigatoriedade do gênero feminino, acabam prejudicando a ascensão da mulher em outros setores, incluindo a política. A mulher bem-sucedida é, em geral, branca e de uma classe social privilegiada, portanto, com condições para assalariar outras mulheres a fim de que “ocupem” seus lugares nas tarefas de casa, como expõe Birole:

Há, de fato, um tipo de exploração que se efetiva porque o trabalho doméstico é realizado *pelos mulheres* – mas isso não significa que seja realizado nas mesmas condições por mulheres brancas e negras, pelas mais ricas e pelas mais pobres. Ao mesmo tempo, o acesso ao mercado de trabalho também se dá de forma distinta, segundo raça e posição de classe das mulheres. Se levamos em consideração esses dois fatos conjuntamente, a conexão entre divisão sexual do trabalho não remunerado e do trabalho remunerado organiza as vidas das mulheres, mas o faz de maneiras distintas e as afeta de forma e em graus desiguais. (BIROLI, 2016, p. 732)

Na cultura moçambicana, a mulher além dos serviços domésticos é a responsável pelas machambas (terreno agrícola) e, ainda assim, deve obediência ao marido. No entanto, esse conceito se aplica apenas a Mariamar e as mulheres de sua condição social. Os trabalhos domésticos de Naftalinda são designados a Tandí, funcionária punida pela tradição e, posteriormente, pela mãe de Mariamar, Hanifa:

Esbanjando simpatia, o administrador despede-se, sorriso aberto, já na fresta da porta:  
 - Amanhã virá uma senhora da aldeia para fazer as limpezas e preparar as refeições.  
 - Devia ser Tandí, a nossa empregada – corrige a primeira-dama. [...] (COUTO, 2012, p. 97)

Essa divisão do trabalho entre homens e mulheres ou, ainda, entre mulheres negras e brancas; ricas e pobres, influencia na construção de políticas públicas que favoreçam os grupos subalternos, logo minimiza o valor da discussão dos lugares de fala. Nesse sentido, o feminismo negro tem contribuído para o debate sobre as diversas agressões que as mulheres sofrem, a fim de que desconstruam os mecanismos que impedem as multiplicidades de vozes.

Naftalinda sobrevive e resiste a Kulumani pelo fato de ser a mulher do administrador e, por isso, assegurada por uma posição social que lhe permite ter atos e discursos políticos que possam contribuir para a construção do pensamento e empoderamento feminino. Contudo, em Kulumani seu discurso político é ineficaz, uma vez que as outras mulheres não gozam do mesmo privilégio:

- Os leões cercando a aldeia e os homens continuam a mandar as mulheres vigiarem as machambas, continuam a mandar as filhas e as esposas coletar lenha e água de madrugada. Quando é que dizemos que não? Quando já não restar nenhuma de nós? Esperava que as demais mulheres a seguissem naquele convite à revolta, mas elas encolhem os ombros e afastam-se uma por uma. (COUTO, 2012, p. 196 e 197)

Desse modo, na literatura de Mia Couto, Mariamar representa a construção social da mulher moçambicana, haja vista que é vítima de várias opressões sociais, raciais e de gênero que usufruem de suas vulnerabilidades para reproduzir e conservar um sistema dominador que está para além da colonização portuguesa.

A literatura pós-colonial, aliada aos discursos feministas, busca dar voz aos sujeitos subalternizados, a fim de que tais desigualdades sejam discutidas e tomadas por todos como um ato político, trazendo, assim, uma nova perspectiva para situações reais da nossa sociedade que envolve, principalmente, as mulheres negras e pobres.

### **Considerações Finais**

A partir das contribuições dos estudos feministas, grande parte das obras literárias pós-colonialistas começaram a introduzir a imagem da mulher de forma que seja possível discutir seu papel social. Mia Couto, devido aos resquícios da colonização portuguesa e da guerra civil enfrentada pelo seu país, busca evidenciar os problemas herdados de Portugal, entre os quais estão a subalternidade e a violência contra a mulher.

Em *A confissão da leoa* (2012), o autor evidencia que a colonização ainda existe, no entanto, em novas formas, uma vez que se impôs um modo ideal de ser e ver o mundo, desconsiderando a multiplicidade de sujeitos existentes. Assim, a literatura, dentro dessa nova perspectiva, busca refletir sobre tais construções que configuram em um ideal de humano, resultando na exclusão de grupos que não se encaixam nos parâmetros do europeu.

A estrutura política, religiosa e cultural dos países colonizados foi alterada e estes mecanismos de valorização da cultura do dominador contribuiu para a permanência da reprodução do sistema de subalternidade. A partir dessa premissa, é possível identificar no romance *A confissão da leoa* (2012), em especial na protagonista Mariamar, que as mulheres moçambicanas rurais são vítimas de uma tradição patriarcalista, já que existe uma distinção social, racial e de gênero, a partir do lugar que se ocupa.

É evidente a marginalização da mulher na obra de Mia Couto, mesmo após a independência de Moçambique em relação a Portugal. Por essa razão, discutir os conceitos da literatura pós-colonial, baseando-se nos discursos políticos que se mantêm como forma de dominação, é abrir espaço para que haja uma integração real da figura feminina na sociedade. Os discursos feministas vêm auxiliar nas desconstruções dos pensamentos que subalternizam as mulheres, instigando a construção de novas políticas que permitam que o gênero feminino ocupe os espaços que lhes foram negados.

As abordagens feministas na literatura é fruto da resistência e da luta contra os discursos que monopolizam e mantêm o sistema de separação entre homens e mulheres, ou ainda, entre mulheres brancas e mulheres negras. Nesse sentido, pode-se entender que o movimento feminista e a literatura pós-colonial tornam-se uma ferramenta importante para emancipação da mulher que sempre esteve sob os poderes e interesses patriarcais, mantendo-a num grupo excluído e oprimido.

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. ADICHIE, Ngozi. *Sejamos todos feministas*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BIROLI, Flávia. *Divisão Sexual do Trabalho e Democracia*. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 59, nº 3, p. 719 – 754, set. 2016.
- BONNICI, T. *Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais*. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.
- BORGES, Egly Stéfane da Silva. *As mulheres em A confissão da leoa, de Mia Couto*. 2018, 33f. Artigo de graduação – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, TO 2018.
- BRAGA, Claudio R. V. *A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós – colonialidade, descolonização cultural e diáspora*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.
- CASTRO, Mary Garcia. “Feminização da pobreza” em cenário neoliberal. Mulher e trabalho, vol, 2001. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2671>. Acesso em: 23/04/2020.
- COUTO, Mia. *A confissão da leoa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do ocidente* / Edward W. Said; tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVA, José Aldo Riberio da. *As negociações o Deus múltiplo e os múltiplos deuses na obra de Mia Couto*. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e os rastros do Sagrado*. Campina Grande: EDUEPB, 2016. p. 221 - 240.